



## SÍNTESE PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

### Forte ajuste da Balança Comercial da Indústria de Transformação do Brasil em 2016

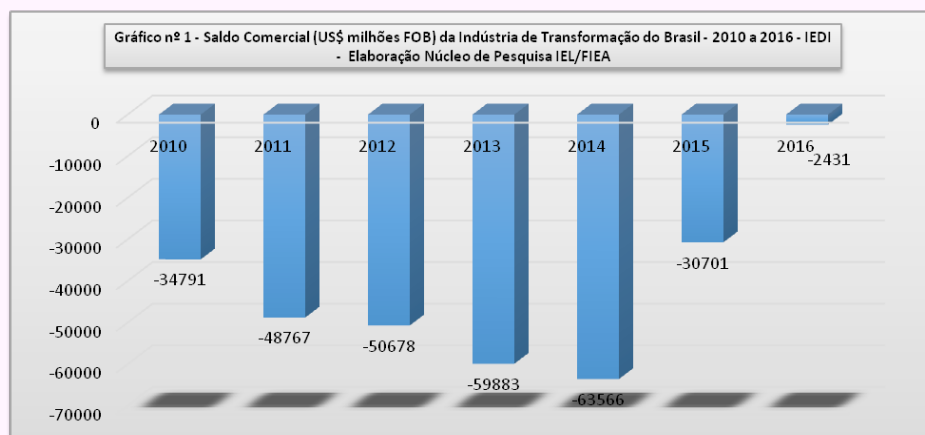
O ajuste na balança comercial da indústria de transformação do Brasil a partir de 2015 foi expressivo, como pode ser constatado nos dados apresentados no gráfico nº 1. Alguns fatores contribuíram para que houvesse a inflexão da curva que vinha se deteriorando desde 2010 atingindo em 2014 um déficit que era quase o dobro do obtido naquele ano. O primeiro fator está associado a expressiva desvalorização cambial ocorrida em 2015 da ordem de 47%, que contribuiu para corrigir parte da defasagem cambial existente com reflexos positivos sobre a competitividade das exportações, principalmente em 2016 quando a variação das exportações sai de uma retração de -10,0% em 2015 para crescimento de 1,4% no ano passado.

Outro fator preponderante para o ajuste do balanço comercial da indústria de transformação brasileira foi o expressivo tombo das importações em 2015 e 2016, em função da desvalorização cambial e da própria recessão que se agrava neste período, com queda de -23,4% e -17,6% respectivamente. Dada a magnitude das variações tanto das exportações como das importações não há dúvida que a recessão pesou mais para obtenção da melhoria do balanço comercial da indústria.

Os dados das exportações e importações

da indústria de transformação nacional por intensidade tecnológica reforçam a importância da retração destas últimas no ajuste. Nos quatro segmentos tecnológicos, ou seja, alta tecnologia, média alta tecnologia, média baixa tecnologia e baixa tecnologia, em 2015 as importações apresentaram quedas maiores que as exportações e em 2016 quando houve crescimento das exportações, com exceção dos setores de média baixa tecnologia, as importações registraram expressivas variações negativas para os quatro segmentos. O lado positivo deste ajuste, além do número de ramos de bens da indústria

de transformação cujas exportações cresceram frente ao ano anterior ter se ampliado em 2016, é que abre espaço para a indústria nacional, desde que o câmbio se mantenha competitivo, para substituir importações em um processo de retomada do crescimento. O problema é que a taxa de câmbio voltou a se apreciar em 22,0% no ano passado e, caso esta tendência persista, a sustentabilidade destas melhorias podem estar ameaçadas.

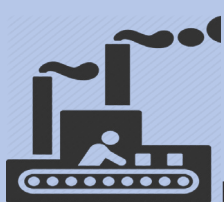


### Mercado aposta em queda forte da taxa Selic em 2017

A partir da última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM), quando o Banco Central do Brasil surpreendeu o mercado e realizou um corte de 0,75% na selic, acima da mediana das expectativas que estimava uma redução de 0,5%aa, as estimativas para selic e inflação para o final de 2017 sofreram redução considerável. Até a reunião de janeiro a mediana das expectativas para inflação nos próximos doze meses estava em 5,2%aa, enquanto que no Boletim Focus de 13/02/2017 havia caído para 4,56%aa, ou seja, praticamente no centro da meta de 4,5%aa. A Selic neste mesmo período teve suas estimativas revisadas para baixo: de 10,25%aa para 9,5%aa. As

revisões para baixo tanto da Selic como do IPCA, caso se confirmem, provocarão queda considerável da taxa real de juros esperada para o final de 2017 para o patamar de aproximadamente 4,57%aa. O ajuste para baixo feito pelo mercado em relação a taxa selic, que poderá cair para o patamar de 9,5%aa ao final de 2017, se traduzirá, caso este cenário se confirme, em significativa redução da taxa real esperada de juros que passará dos atuais 8,17%aa, segundo pesquisa realizada pela pesquisa da MoneYou e da InfinityAsset Management, para 4,5%aa. Este cenário benigno de juros representará uma redução importante nos serviços das dívidas pública e privada, contribuído para a redução

do déficit público nominal assim como para a desalavancagem financeira dos consumidores e empresas. Apesar de necessária para o processo de retomada da economia, a queda nas taxas de juros, principalmente as de mercado que são bem mais salgadas do que a taxa básica, não é condição suficiente se não houver melhora nas expectativas das famílias e empresas quanto ao comportamento futuro da economia. Para tanto a economia tem que dar sinais claros de retomada e as perspectivas são de um ritmo ainda bastante tímido de crescimento para 2017, como mostram as estimativas do FMI, Bradesco e mediana do mercado: 0,2; 0,3 e 0,47, respectivamente.



## A Produção Industrial Brasileira em Dezembro de 2016

O desempenho da indústria brasileira em dezembro de 2016 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, aumento na margem de 2,3%. Na comparação com o mesmo mês em 2015 a indústria registrou retração de 0,1%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI) “para a indústria, 2016 foi mais um ano a ser esquecido. O declínio de -6,6% da produção só não foi pior do que em 2015, quando chegou a -8,3%, isso depois de 2014 também ter

fechado no negativo (-3,0%). A consequência desse desempenho nos últimos três anos foram perdas acumuladas que chegaram a -17%. Alguns macrossetores, entretanto, viveram uma situação muito pior, como no caso de bens de capital e bens de consumo duráveis, cujo declínio no período chegou à marca devastadora de -40% e de -37%, respectivamente. Entretanto, graças ao desempenho de dezembro, o ano de 2016 não terminou tão mal”. Ainda, segundo o IEDI, “o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a

série da FGV com ajustes sazonais, foi de 72,9% em dezembro de 2016, 0,8 p.p. inferior ao patamar registrado em novembro. Esse grau de utilização, entretanto, continua inferior à média histórica do próprio indicador (80%). O indicador da CNI, a seu turno, também aponta para um nível historicamente baixo da utilização da capacidade: 76,0%, em dezembro de 2016, contra 80,6% na média dos últimos 60 meses. Em relação a novembro (76,4%), na série com ajuste sazonal, houve redução de 0,4 p.p. do indicador.”

### Indicadores Conjunturais da Indústria em Dezembro/2016

Segmentos	Variação %			
	Dez16/Nov16 (com ajuste)	Dez16/Dez15	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses
<b>Classe de Indústria</b>				
Indústria Geral	2,3	-0,1	-6,6	-6,6
Indústria Extrativa Mineral	1,6	6,9	-9,4	-9,5
Indústria de Transformação	1,5	-1,2	-6,1	-6,1
<b>Categoria de Uso</b>				
Bens de Capital	-3,2	17,3	-11,1	-11,1
Bens Intermediários	1,4	-0,5	-6,3	-6,3
Bens de Consumo	1,8	-2,2	-5,9	-5,9
Duráveis	6,5	4,8	-14,7	-14,7
Semiduráveis e não Duráveis	4,1	-3,6	-3,7	-3,7

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

#### FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS - FIEA

##### PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

##### 1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

##### Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

##### Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

#### INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

##### Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

##### Superintendente

Helvio Vilas Boas

##### Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

##### Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E

PESQUISA DO IEL/AL

#### EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Bruna P. Cerqueira Pedrosa de Oliveira

Danielle Ferreira de Melo

Evelyn Rayssa de Lima Oliveira

Larissa de Amorim Fernandes

Luana Pereira da Silva